



EDITORIAL

Esperança que não decepçiona!

Jaldemir Vitório *

Moisés Nonato Quintela Ponte **

O convite lançado pelo Papa Francisco (2024) para sermos *Peregrinos de Esperança*, no contexto do Jubileu proclamado pela Bula *A esperança não decepçiona*, retoma um tema fundamental da tradição judaico-cristão, a ser continuamente revisitado pela reflexão teológica. O contexto literário do lema bíblico, extraído de Rm 5,1-5, oferece pistas para se entender a atualidade da expressão paulina. A fé (*pístis*) gera comunhão profunda com Deus; vivida em meio a tribulações, faz nascer a perseverança, alimentada pela esperança (*elpís*), que não frustra, dado que o amor (*agápe*) divino está presente no mais íntimo de cada ser humano, pela ação do Espírito Santo dado a cada pessoa de fé. Portanto, a esperança não decepçiona, quando acompanhada da fé e da caridade com sua capacidade de criar um estilo de vida carregado de dinamismo, mesmo em contextos adversos, nos quais a tentação de capitular em face da maldade se constitui em armadilha, mesmo para os mais fortes.

Mais que nunca, somos desafiados a repensar a virtude da esperança numa quadra difícil da humanidade, quando se tem a impressão de chegarmos ao fim, com o ser humano tornando-se carrasco de si mesmo. Em seu discernimento da história contemporânea, o Papa Francisco (2014) falava da Terceira Guerra Mundial acontecendo aos pedaços e, com clarividência, recordou, em suas memórias, uma célebre frase de Einstein: “a humanidade inventou a bomba atômica, mas nenhum rato construiria uma ratoeira”

* Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

** Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

(Francisco, 2025, p. 194). Aliás, o Papa deu ao seu testemunho de vida o título sugestivo *Esperança: a autobiografia* (Francisco, 2025), em que descreve a humanidade às voltas com as crueldades das guerras, das migrações forçadas, do capitalismo desalmado e da indiferença dos donos do poder.

No entanto, as entrelinhas vão sendo costuradas com o fio de ouro da esperança, a começar por seu engajamento, antes e depois do papado, voltado para a defesa dos empobrecidos, dos fracos e dos marginalizados, e intrépido no enfrentamento da injustiças, mesmo devendo suportar, no passado, a violência da ditadura em seu país e, no presente, a ação maligna de tantos católicos, desde as altas cúpulas, ferrenhos em demolir sua ação diuturna em prol de uma Igreja sacramento de esperança, sempre em saída para estender as mãos aos desesperançados, aos descartados, aos que vagam carentes de razão para viver, enfim, aos que chegaram ao fundo do poço nas periferias existenciais. Ao mesmo tempo, se dedicou a se encontrar e dialogar com os grandes e poderosos, os agentes da injustiça e os possíveis construtores de pontes, na expectativa de lhes tocar o coração e lhes abrir os olhos para a responsabilidade que lhes cabe na construção de um mundo diferente, o outro mundo possível, o mundo esperado e desejado por Deus.

Suas muitas iniciativas em prol da justiça, da fraternidade e da paz se traduzem no atual Jubileu através de um particular chamado “às nações mais ricas, para que reconheçam a gravidade de muitas decisões tomadas e estabeleçam o *perdão das dívidas* dos países que nunca poderão pagá-las” (Francisco, 2024, n. 16). Tudo isso, como exigência da justiça social, em vista de se criar um mundo mais igualitário, onde a opulência dos mais ricos não se construa às custas do empobrecimento gerado pela crueldade dos endinheirados. Mas não menos em vista da “dívida ecológica” (LS, n. 51) e daquela humanitária, que eclode do drama de migrantes e refugiados, incitando-nos à consciência de que “a terra pertence a Deus e todos nós vivemos nela como ‘estrangeiros e hóspedes’ (Lv 25)” (Francisco, 2024, n. 16).

No início do pontificado do papa Leão XIV, continua a pulsar em nossos corações a esperança. Em sua primeira bênção, após agradecer o ministério de Francisco e reconhecer-se, como bom filho de Agostinho, irmão de todos – “convosco sou cristão” –, ele suplicou a Roma e ao mundo (*Urbi et orbi*) que o ajudassem “a construir pontes, com o diálogo, o encontro, unindo-nos todos para sermos um só povo sempre em paz” (Leão XIV, 2025). Esperança e *shalom* se encontram, qual realização daquela bela metáfora do salmista que fala de “a justiça e a paz se beijarem” (Sl 85,10), retrato do anseio de Deus.

A esperança, bem sabemos, se presta a equivocidades. Colocada sempre sob suspeita pela tradição ocidental, de Homero a Nietzsche é criticada por

sua ambiguidade, mormente associada à irracionalidade, a uma emoção ilusória, quando não a uma fuga do presente (Potkay, 2024; Han-Pile; Stern, 2024). A tradição cristã chegou até a elevá-la a uma das três virtudes teológicas, ao lado da fé e da caridade. Mas a era romântica da revolução francesa voltou a embotar o fundamento transcendente da esperança – enquanto “*virtus* resiliente” (*hypomoné*, Rm 4,4) alicerçada na *pistis* e no *agápe* – ao enquadrá-la no horizonte da imanência e da indeterminação de anseios por mudanças e melhoras, movidas por um ideal de progresso, embora sem objetivos claros ou consistentes (Potkay, 2024, p. 60).

Emancipada do aporte cristão, a esperança se torna agora uma “virtude semissecularizada” (Potkay, 2024, p. 61). Sobre ela se deitam os alicerces do ideal de progresso da modernidade e, paradoxalmente, a pedra de tropeço de uma humanidade atônita, que, no século XX, testemunhou outro progresso: o das injustiças e mortandades, suscitadas por guerras, totalitarismos, devastações, violências e injustiças estruturais, que puseram definitivamente em xeque a esperança prometeica da era das revoluções, em seu projeto “de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 19).

“Nada de escravo de hoje ser senhor de escravo de amanhã. Basta de escravos!”, ecoa ainda hoje a súplica de Dom Hélder Câmara (1982), na Missa dos Quilombos. A esperança cristã, enquanto profética e libertadora, exige ser vivida como tensão entre o “já” e o “ainda não”, de modo a se evitar a tentação dos messianismos terrenos que acreditam na possibilidade de anteciparmos o céu, construindo-o na terra pela engenhosidade da inteligência humana com sua capacidade e inventividade tecno-científica. A história deu mostras cabais de onde chega o ser humano decidido a materializar o sonho do “novo céu e a nova terra”, de modo a atingir o fim da história, alcançado por sua engenhosidade, no agora, como antecipação da escatologia. Essa pretensão faz vistas grossas para o fato de o ser humano ser movido por esperança. Quando lhe falta tal dinamismo, o que lhe resta? A sabedoria popular forjou um provérbio quem vem ao caso: “a esperança é a última que morre!” Portanto, depois da esperança, vem a morte. Enquanto ela se mantiver, o ser humano se disporá a dar novos passos, colocando-se novas metas. Daí a premência de se criar esperança que não decepciona, dado que, na eventualidade de ser esperança decepcionante, não merece ser chamada esperança.

Aqui se situa o perigo de a esperança do povo ser manipulada com propostas falsas que o dispensam de participar na construção do que se espera, fazendo-a depender da ação dos grandes e poderosos que, em última análise, estão preocupados consigo mesmos, seus interesses e suas ideologias, empenhados em blindar qualquer possibilidade de surgir o mundo justo, fraterno e solidário, em que cada ser humano tenha valor e sua dignidade seja garantida e respeitada.

A Igreja corre também o risco de cair na armadilha da falsa esperança, quando prospecta a possibilidade de se alcançar a salvação por caminhos facilitados; impede os fiéis de se engajarem na construção do mundo querido por Deus; impõe-lhes moralismos legalistas que os fixam em práticas devocionais em vista de obter o perdão de seus pecados; transforma a liturgia e o culto em polo da vida eclesial, encerrada nos limites do templo. Essa autorreferencialidade eclesialística corresponde àquela socioeconômica dos ricos e poderosos. Ambas impedem os filhos e as filhas de Deus de assumirem seu papel de construtores da esperança, mantendo-os no desespero individualista. A esperança, ao contrário, se constrói como sinodalidade e comunhão, cuidado mútuo entre irmãos e irmãs e destes com a Casa Comum, esforço de viver o perdão e a reconciliação.

Ser *Peregrino de esperança* apresenta-se como estilo de vida dos cristãos e das cristãs e, mais amplamente, das pessoas de boa-vontade que, movidos por um humanismo consistente, se lançam na tarefa de construir, na história, a utopia cristã da *nova Jerusalém*, iluminada pela glória de Deus e pela lâmpada do Cordeiro, de modo que “os povos andarão em sua luz e os reis da terra trarão para ela sua glória” (Ap 21,23-24). Um projeto de vida para a história e além, “já” e “ainda não”!

Este número da *Perspectiva Teológica* pretende fomentar no coração das leitoras e dos leitores o dinamismo da esperança. Portanto, uma leitura a ser feita sob o pano de fundo dessa virtude lapidar!

Siglas

LS = Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre a casa-comum

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum* (2015). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em: 25 jul. 2022.

FRANCISCO, Papa. *Encontro do Santo Padre com os jornalistas durante o voo de regresso da Coreia do Sul* (2014). Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/august/documents/papa-francesco_20140818_coreia-conferenza-stampa.html. Acesso em: 17 jun. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Esperança: a autobiografia*. São Paulo: Fontanar, 2025.

FRANCISCO, Papa. *Spes non confundit*: bula de proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025 (2024). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/>

bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html. Acesso em: 17 jun. 2025.

HAN-PILE, Béatrice; STERN, Robert. Is Hope a Secular Virtue? Hope as the Virtue of the Possible. In: SNOW, Nancy E. (Org.). *The Virtue of Hope*. Oxford: Oxford University Press, 2024. p. 73-108. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190069575.003.0003>. Acesso em: 20 nov. 2024.

LEÃO XIV, Papa. *Primeira Bênção “Urbi et Orbi” do Santo Padre Leão XIV* (2025). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/urbi/documents/20250508-prima-benedizione-urbietorbi.html>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CÂMARA, Hélder. Invocação à Mariana. In: *MISSA DOS QUILOMBOS*. Diadema: Ariola, 1982. (Versão em LP, 11 faixas).

POTKAY, Adam. Virtue or Vice? A Short Literary History of Hope. In: SNOW, Nancy E. (Org.). *The Virtue of Hope*. Oxford: Oxford University Press, 2024. p. 47–71. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oso/9780190069575.003.0002>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Editorial submetido em 17.06.2025 e aprovado em xx.06.2025.

Jaldemir Vitorio SJ é Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1995). Professor emérito do Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte-MG. Orcid.org/0000-0002-4655-3167. E-mail: jaldemir.vitorio@faje.asav.org.br

Endereço: Adelina Sales Pereira, 217 – Planalto
31.720-440 Belo Horizonte – Minas Gerais

Moisés Nonato Quintela Ponte SJ é Doutor em Teologia Moral pela Accademia Alfonsiana, da Pontificia Università Lateranense (2024). Professor assistente do Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, em Belo Horizonte-MG. Orcid.org/0000-0002-5182-8196. E-mail: mponte@faje.asav.org.br

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31.720-300 Belo Horizonte – Minas Gerais

